

RELEITURA DO CONTO “O AFOGADO” DE CAIO FERNANDO ABREU

Charles Xavier de Barros¹
Jane Adriane Gandra²

RESUMO

O presente artigo científico abordará o tema Releitura do conto “O Afogado”, de Caio Fernando Abreu. Para a realização da presente pesquisa utilizou-se do método qualitativo e dedutivo, fazendo um estudo predominantemente bibliográfico, tendo como principal referencial teórico a própria obra do autor Caio Fernando Abreu, O Ovo Apunhalado, especificamente o conto “O Afogado”. Depois de uma releitura do conto em questão, pretendemos organizar um referencial teórico sobre Caio Fernando Abreu e sua obra, começando por importantes críticos de nossa literatura: Alfredo Bosi, Gilda Neves, Orlando Pires, dentre outros. Com a realização do presente estudo objetiva-se analisar a forma como a morte se apresenta no conto “O Afogado” e seus desdobramentos, em contraponto com a apatia e desilusão do personagem central.

Palavras-chave: O Afogado; Caio Fernando Abreu; Conto; Morte.

ABSTRACT

The present scientific article will approach the theme The concept of death in the short story "O Afogado", by Caio Fernando Abreu. For the accomplishment of the present research the qualitative and deductive method was used, making a predominantly bibliographical study, having by main theoretical reference the own work of the author Caio Fernando de Abreu, The Staggered Egg, specifically the short story "O Afogado". After a re-reading of the story in question, we intend to organize a theoretical reference on Caio Fernando Abreu and his work, beginning with important critics of our literature: Alfredo Bosi, Gilda neves, Orlando Pires, among others With the accomplishment of the present study it aims to analyze the way death presents itself in the story "O Afogado" and its unfolding, in counterpoint with the apathy and disappointment of the central character.

Keywords: O Afogado, Caio Fernando Abreu; Tale; Death.

¹ Aluno da Especialização em Estudos Literários – da UEG/ Campus Posse e-mail: xavierdebarrosbm@hotmail.com

² Orientadora deste estudo.

1. Introdução

A morte tem sido tema de debate na literatura pós-moderna, toda população humana em diferentes épocas tem lidado com esta certeza, tomando consciência, mesmo que a contragosto que a nossa existência é finita e a morte inevitável.

Sob essa ótica, analisaremos o contexto da obra de Caio Fernando Abreu, especificamente o conto “O Afogado” e sua perspectiva não linear da morte e a forma como ela se contrapõe ao título do conto. Pretendemos assim, observar como a morte se faz presente na narrativa.

A morte na história de Caio Fernando Abreu, especificamente no conto “O Afogado” passa a ser de certa maneira figurada, pois todos da vila parecem em profunda letargia diante do movimento da vida. Assim, em que sentido o título do conto determina o real significado de vida e morte?

Para tanto, este trabalho foi dividido em três partes principais, sendo: Primeiro uma explanação sobre a Literatura Contemporânea no Brasil. Logo em seguida, trataremos sobre a vida, obra e estilo de escrita de Caio Fernando Abreu, bem como elucidaremos as significações de morte apresentadas no conto, traçando um contraponto entre a representação do desconhecido (como vida) e do médico (como quase-morto). Como fechamento, retomaremos na conclusão as ideias fundamentais expostas durante todo o trabalho de pesquisa.

Por fim, o objetivo geral deste trabalho é analisar a forma como a morte se apresenta no conto “O Afogado” e seus desdobramentos, em contraponto com a apatia e desilusão do personagem central.

2. A Literatura Contemporânea no Brasil

A Literatura Contemporânea no Brasil engloba um período histórico de transição entre século XX e o seguinte, até os dias atuais, assinalada por uma grande diversidade de pensamentos, modos de agir e pensar. Este período engloba um conjunto de características das escolas precedentes, mostrando assim, quão rica e representativa é esta época de nossa história. Sobre este período Karl Erik Schollhammer assim diz:

Não encontramos nenhuma nova “escola literária”, nenhuma tendência clara que unifique todos, e nenhum movimento programático com o qual o escritor estreante se identifique. Parece que a característica comum é mesmo sua heterogeneidade e a falta de característica unificadora, a não ser pelo foco temático voltado para a sociedade e a cultura contemporâneas, ou para a história mais recente tomada como cenário e contexto. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 35).

Esta escola literária, devido ao seu contexto histórico político, foi marcada principalmente pela insegurança e descontentamento, tendo a sua marca centrada na capacidade de ser globalizado. A prosa contemporânea tem como pilar central do seu conteúdo, a vida nas cidades, atrelada a selvageria, lutas classistas, temas estes reforçados por (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 14): “[...] literatura contemporânea lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria.”

Dentre alguns autores e obras importantes deste período temos: Lygia Fagundes Telles (*As Meninas*), Dalton Trevisan (*Novelas nada exemplares*), Rubem Fonseca (*O Cobrador*), João Ubaldo Ribeiro (*O Sorriso do Lagarto*), Carlos Heitor Cony (*Quase Memória*) e Caio Fernando Abreu (*O ovo apunhalado*).

2.1 Vida e obra de Caio Fernando Abreu

Caio Fernando Abreu nasceu no dia 12 de setembro de 1948, em Santiago, Rio Grande do Sul. Contista, romancista, dramaturgo, poeta e jornalista, ganhador do prêmio Jabuti em 1984 e 1989. Segundo Andréia Carneiro (2009) Caio Fernando é considerado autor que se tornou, com a sua literatura, um representante da classe média do século XX, pois correu o mundo, libertou-se dos condicionamentos e exaltou a vida com altas doses de erotismo e politização.

Caio Fernando Abreu foi o “escritor da paixão”, assim o definiu a escritora Lygia Fagundes Telles. Já para Luana Castro (s.d), “Caio viria a ser um dos escritores mais populares e queridos da Literatura brasileira, sua linguagem e temática transgressora, além do interesse pelo não literário, tornaram a obra do escritor atemporal”.

A obra de Caio Fernando Abreu é composta num estilo personalíssimo, de modo que o medo e a morte são temas que povoam o enredo das suas histórias. Pode ser considerado um escritor de estilo único, onde a aflição e o isolamento encontram sustentáculo na sua literatura. Exibe uma visão dramática da realidade moderna e é apontado como um fotógrafo da fragmentação contemporânea.

Caio Fernando Abreu publicou grandes trabalhos e a cada publicação descrevia fatos do seu cotidiano envolvendo diversas temáticas. O autor descobriu que era portador do vírus HIV no ano de 1994 e em uma de suas crônicas, reunidas na obra *Pequenas epifanias* (1996), publicada no mesmo ano de sua morte, é relatado o depoimento de alguém que contraiu o vírus, expressando toda a dor na escrita: “Febres, suores, perda de peso, manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz o teste. Aquele. Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado: HIV Positivo”. (ABREU, 1996, p. 102).

Após a descoberta da sobredita doença, foi para a casa dos seus pais em Porto Alegre. No ano de 1996, o célebre autor morreu por causa de uma pneumonia e insuficiência múltipla de órgãos em consequência do estado avançado da enfermidade.

A publicação da obra de Caio Fernando remonta meados da década de 70, temporada pulsante para os autores que foram alcançados pela ditadura militar. Desta forma, a quantidade de ideias do período conferia aos autores os materiais necessários às suas obras.

Ao versarmos sobre a conjuntura histórica em que os contos de Caio Fernando Abreu foram criados, não podemos esquecer a complexa relação com as obras literárias produzidas nos anos 1970. Abstrusa, pois o próprio Caio teve o propósito de se definir um escritor estranho as praxes do mundo editorial. Não à toa, afirmou em entrevista:

Sou uma figura um pouco atípica na literatura brasileira [...] porque sou um pouco roqueiro, fui hippie, fui punk. Não faço vida literária, corro por fora. Não conheço o lobby das universidades, não vou a lançamentos de livros, só vou quando sou amigo do escritor [...] lido com o *trash*, de onde tiro não só “boa” literatura, mas também vida pulsante. E acho que isso é aterrorizante, principalmente no meio universitário. (NASCIMENTO, 2014, p. 45).

A obra literária de Caio Fernando de Abreu, foi colocada, por Gilda Neves da Silva Bittencourt (1999), na corrente existencial-intimista dos mais renomados escritores do Rio Grande do Sul da década de 1970. Segundo a autora (BITTENCOURT, 1999, p. 92) a obra do autor tem como principal foco: “a relação do indivíduo com o mundo circundante ou consigo mesmo, analisando que modo se refletem, na consciência individual, as condições de vida da sociedade contemporânea”.

Foi por causa das subversões do homem de seu tempo que Caio Fernando Abreu apresenta em seus escritos: A incomunicabilidade das personagens de contos como “*Diálogo*” e “*Pela Passagem de uma grande dor*”; A solidão e angústia do narrador de “*Além do ponto*”, do livro *Morangos Mofados* (2005), e também do conto “*Para uma avenca partindo*”, do livro *O ovo apunhalado* (2008); A sociedade consumista no conto “*A margarida enlatada*”, igualmente de *O ovo apunhalado*. “*Amor, sexo e rock’nroll*” também são lugares comuns na prosa do escritor. Podendo desta forma destacar o amor: Afeto entre homens e mulheres, entre homens e homens, entre mulheres e mulheres.

Além disso, irreverente nas questões de construção textual, Caio Fernando elabora em “O afogado” um colóquio que não segue a normalidade de uma narrativa. O diálogo entre o médico e o seu paciente começa por travessão, não possui pontuação nem nenhum espaçamento. E num dado momento, a escrita/fala é entrecruzada, como se a comunicação entre eles se desse por afinidade de pensamentos. Eles conversam com intimidade e sintonia como se um compreendesse o interior do outro:

-- mas o que chamas de paz
se pressinto em ti essa coisa
mansa que se faz nos outros
se em cada momento que te
olho inúmeras coisas escura
s escorrem dentro de mim [...]
(ABREU, 2008, p. 90).

-- antes que tentes aviso já te di
sse tudo não sou nada além de
meu meu nome nome é minha e
ssência mais profunda assim co
mo a tua talvez seja a que vivas
no momento talvez nada seja [...]

Além do diálogo explícito do Médico com outros personagens, em meio à narrativa há ocasiões em que a personagem do Doutor assume certa autonomia em relação ao narrador. São momentos assinalados graficamente com itálico e sem pontuação, com uma linguagem que se distingue do restante da narrativa pelo seu

grau de elaboração, impregnada de uma carga enigmática, por vezes até poética. Esses momentos se assemelham a um diálogo interior, um fluxo de consciência do personagem.

Quem te trouxe dessa quase morte para um lugar que é a própria antecipação da morte tu que pareces para sempre imobilizado nessa postura que não é tua porque não te imagino assim abandonado entre lençóis, mas em constante movimento tu que fazes dessa ausência de movimentos de agora a tua enorme e falsa fragilidade? (ABREU, 2008, p. 81).

2.2 As personagens e o espaço

O núcleo do conto gira em torno do relacionamento humano, da solidão, da monotonia e da falta de esperança com o mundo. Neste escopo, percebemos que as personagens do conto analisado são inominadas, ou seja, seus nomes não são expressos, para tanto, o autor utiliza algumas características descritivas que singularizam suas personagens sem caracterizá-las com identidades próprias ou concretas. Regina Zilberman (1992, p. 140) sinaliza que essa característica indica que as pessoas estão “esvaziadas de suas identidades”.

A importância que o autor dá a não nomeação é percebido quando o médico questiona o nome do desconhecido. O afogado responde que seu nome é a sua essência mais profunda, e que ele não é nada além de seu nome. No conto, prevalece a identidade de papéis sociais, as figuras do médico e a do padre, por exemplo, neste caso, ocorre o uso de personagem “tipo”, definido por Orlando Pires, em seu Manual de teoria e técnica literária (1989).

De acordo com a obra, os incidentes passam a acontecer no momento em que um jovem é salvo de um afogamento, acompanhado da assistência do médico de uma minúscula cidade localizada no litoral. Durante o processo de recuperação do indivíduo, aconteceram curiosos incidentes: desarmonias, rixas, doenças, que afligem os habitantes do local, o que os leva a acreditar que o estranho visitante seja o responsável por tais eventos. “--Mas o senhor não perguntou quem era, de onde vinha, como veio dar na praia? Deus me livre, pode ser algum criminoso, a gente nunca sabe.” (ABREU, 2008, p. 84).

A presença do rapaz no vilarejo, aquele que representa o desconhecido ou mais ainda, aquele que representa o diferente, inevitavelmente modificou o cotidiano da comunidade. Os populares não estavam preparados para situações que quebravam com a monotonia, já o médico foi o único a ser tocado pela novidade, uma vez que, ele já não se sentia confortável naquele ambiente. Percebe-se, ao longo da narrativa, que sentimentos como o tédio, a tristeza e o desconforto acompanhavam o médico, mas esse os recalcava e aceitava a condição de vida que lhe era imposta pela comunidade.

Falta nas personagens de Caio Fernando Abreu, um projeto existencial: o futuro nunca é discutido, a falta de uma identidade atinge suas personalidades. Quando confrontados com o que, na verdade, acreditam serem “elas mesmas”, perdem-se, quase sempre de uma maneira melancólica e solitária, fugindo ou caindo no esquecimento – ou até mesmo na maior das ausências: a morte. (SIQUEIRA, 2015, p. 82-83)

Na obra, o espaço narrativo é um inominado vilarejo, monótono, sem vida e sem cores, sem um espelhamento do caráter e trajetória dos personagens. Ou seja, o espaço participa ativamente no reforço da temática do real sentido da morte, denunciando a condição de quase morte vivenciada pelos personagens diariamente.

Abriu a porta e desceu as escadas contando degraus, a mão amparada pelo corrimão de madeira descascada, sem a menor pressa. Porque na realidade – dizia-se, e estava tão acostumado a esse dialogo consigo mesmo que movia os lábios como se falasse, embora sem produzir nenhum som -, porque na realidade jamais acontecera alguma coisa naquele lugar. Alguma estrela cadente durante as noites comprimidas entre o cheiro vagamente apodrecido da maresia e o calor viscoso que vinha das montanhas – e nada mais que isso. As cadeiras dispostas em desordem sobre as calçadas, um sem-número de olhares de repente acompanhando o roteiro daquela chispa brilhante que cessava de existir e, ao mesmo tempo em que morria, permitia-lhes fazerem três pedidos, remotas superstições, velhos mitos, três desejos. Como se fosse possível desejar alguma coisa naquele lugar, suspirou antes de transpor a soleira da porta para ganhar a rua cheia de passos e gritos. (ABREU, 2008, p. 77)

2.3 As representações de morte em “O Afogado”, de Caio Fernando Abreu

A tônica da crise de identidade presente na obra de Caio Fernando Abreu é evidenciada com a não menção do nome do personagem misterioso. Essa supressão do nome pode ser entendida como a própria supressão de sentimentos

pelo qual o autor vive e viveu durante toda sua vida. A depressão e a melancolia são para ele fascinantes e ele apresenta a sua visão dramática do mundo.

No bojo do conto em comento, percebemos que há entre o personagem misterioso e o médico uma relação profunda, maior que a simples amizade ou admiração. Essa relação pode ser entendida como uma forma do autor demonstrar as suas angústias pessoais e como a morte pode ser a válvula de escape para as descobertas intrínsecas do eu lírico.

Em “O Afogado”, percebe-se a morte com um tom de mistério, um corpo estirado na praia, a morte aparente que os personagens se encontravam e ao fim a morte de um dos protagonistas.

Quem te trouxe dessa quase morte para um lugar que é a própria antecipação da morte tu que pareces para sempre imobilizado nessa postura que não é tua porque não te imagino assim abandonado entre lençóis mas em constante movimento tu que fazes dessa ausência de movimentos de agora a tua enorme e falsa fragilidade? (ABREU, 2008, p 81).

Todos estes acontecimentos alteraram a rotina de uma vila acostumada à linearidade aparente. A ruptura desta rotina, aliada ao desconhecimento do obscuro, causa a revolta social e a sequência destes atos culmina na morte da figura do homem incumbido de salvar vidas, o médico.

Desta forma, após análise minuciosa do conto em questão percebe-se que a morte é apresentada de duas formas: A morte figurada e a morte física.

A primeira é notada no comportamento dos moradores da vila que, envelopados por um cenário estático, viviam em uma letargia constante, sempre em uma mesma rotina, sem maiores objetivos de vida e sem esperanças, demonstrando não somente a ausência de identidade, mas a falta de um projeto existencial maior. Ou seja, de forma figurada os personagens e o espaço onde a estória acontece se complementam e corroboram com o tom lúgubre da narrativa.

Como consequência cruel da morte figurada, temos a morte física, que é o desfecho da trama. A sociedade por não compreender “o desconhecido” acaba matando-o e o médico por perceber que a sua descoberta e talvez o seu amor seriam condenados socialmente, ficando sem condições de viver satisfatoriamente,

decide retirar a própria vida, encontrando na morte a libertação de uma existência cruel e melancólica.

Esperou que todos se afastassem e voltou. Escurecia aos poucos. Quando alcançou o corpo, uma chuva fina começou a cair. O vento tinha cessado. A chuva pouco a pouco adensada: tomou entre as mãos a cabeça destroçada e ficou olhando durante muito tempo para dois olhos azuis escancarados. O sangue ainda escorria. Quente. Quando a noite baixou, arrumou cuidadoso o cadáver, lavou as manchas de sangue do rosto, depois foi entrando lentamente no mar. Antes de mergulhar olhou para cima e, embora chovesse, inúmeras estrelas cadentes riscavam o céu de ponta a ponta. (ABREU, 2008, p. 98).

Nota-se, por fim, que através da relação entre morte figurada e morte física, o autor traz à tona discussões sobre problemas sociais, como a opressão do homem pelo homem, a dificuldade de interação social, a solidão e as crises existenciais de indivíduos em busca de sua própria identidade.

Ainda sobre essa significativa carga de crítica social Andréia Silva Carneiro diz:

Com frequentes referências ao contexto social da década, as narrativas se propõem a representar a sociedade por meio de uma linguagem sem muitos arranjos formais, mas que mescla denotação e conotação, o real e o surreal, o individual e o coletivo, mostrando como a literatura pode interiorizar a sociedade a sua própria estrutura estética. (CARNEIRO, 2010, p. 33)

3. Considerações finais

No presente estudo, percebemos a forma singular de elaboração dos personagens, que trazem características reais e surreais e a construção de um enredo simples, marcada tanto pela sutileza da escrita, quanto pela profundidade em que os temas são discutidos, demonstrando uma habilidade literária ímpar do autor. Para Bittencourt (1999), é nesta obra que Caio firma sua maturidade artística de modo a criar uma linguagem própria, carregada de subjetividade, em que os recursos estilísticos explorados muitas vezes sobressaem-se em relação ao que é narrado.

Notamos ainda como o enredo de Caio Fernando incorporou uma crítica ao sistema conservador ditatorial da época ao esboçar em sua obra uma estética

peculiar e narrativa fragmentária, suscitando discussões sociais, dando a literatura uma importância surpreendente como forma de resistência.

Na obra em comento, examinamos que o “desconhecido” é um personagem com identidade própria e singularidade. Esse surge na narrativa para evidenciar o incontentamento vivido pelo médico diante da comunidade que o sufoca. Essa frustração é reflexo do modelo conservador e patriarcal da época, vigente na comunidade e comprovadas pelo espaço descrito na obra e na forma de viver dos habitantes daquela vila onde se desenrolou o enredo.

Assim, o médico vê na presença do afogado o impulso para transmutar a sua vida existencial que até então se constituía enfadonha e rotineira. Ao final do conto o rapaz é ferozmente agredido até a morte pelos habitantes do local e o médico, por extensão, vê na morte a única forma de redenção.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. **O Ovo Apunhalado**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. **Pequenas Epifanias**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. **O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002;

CARDOSO, Ana Maria. **Sonho e transgressão em Caio Fernando Abreu: O estrangulador de cartas e contos** [dissertação]. Porto Alegre, 2007.

CARNEIRO, Andreia Silva. **Indivíduo, história e sociedade em O ovo apunhalado de Caio Fernando Abreu** [dissertação]. Fortaleza, 2010.

CASTRO, Luana. Caio Fernando Abreu. 2017. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/caio-fernando-abreu.htm>. Acesso em 08 de fevereiro de 2017.

LIMEIRA, Eudenise de Albuquerque. **Literatura Contemporânea**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos->

literarios/literatura-contemporanea.html. Acesso em 15 de dezembro de 2016, às 23:11.

NASCIMENTO, Cyro. **Estética e Crítica social na narrativa de Caio Fernando Abreu durante a ditadura militar: Um espaço de resistência**[dissertação]. São Paulo, 2014.

PIRES, Orlando. **Manual de teoria e técnica literária**. São Paulo, Presença, 1989.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

SIQUEIRA, Y. P. Brandenburg. **A crise de identidade na contística de Caio Fernando Abreu**. [artigo]. Publicação do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões – Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Bahia, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 130-144.